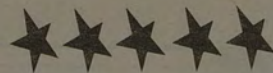


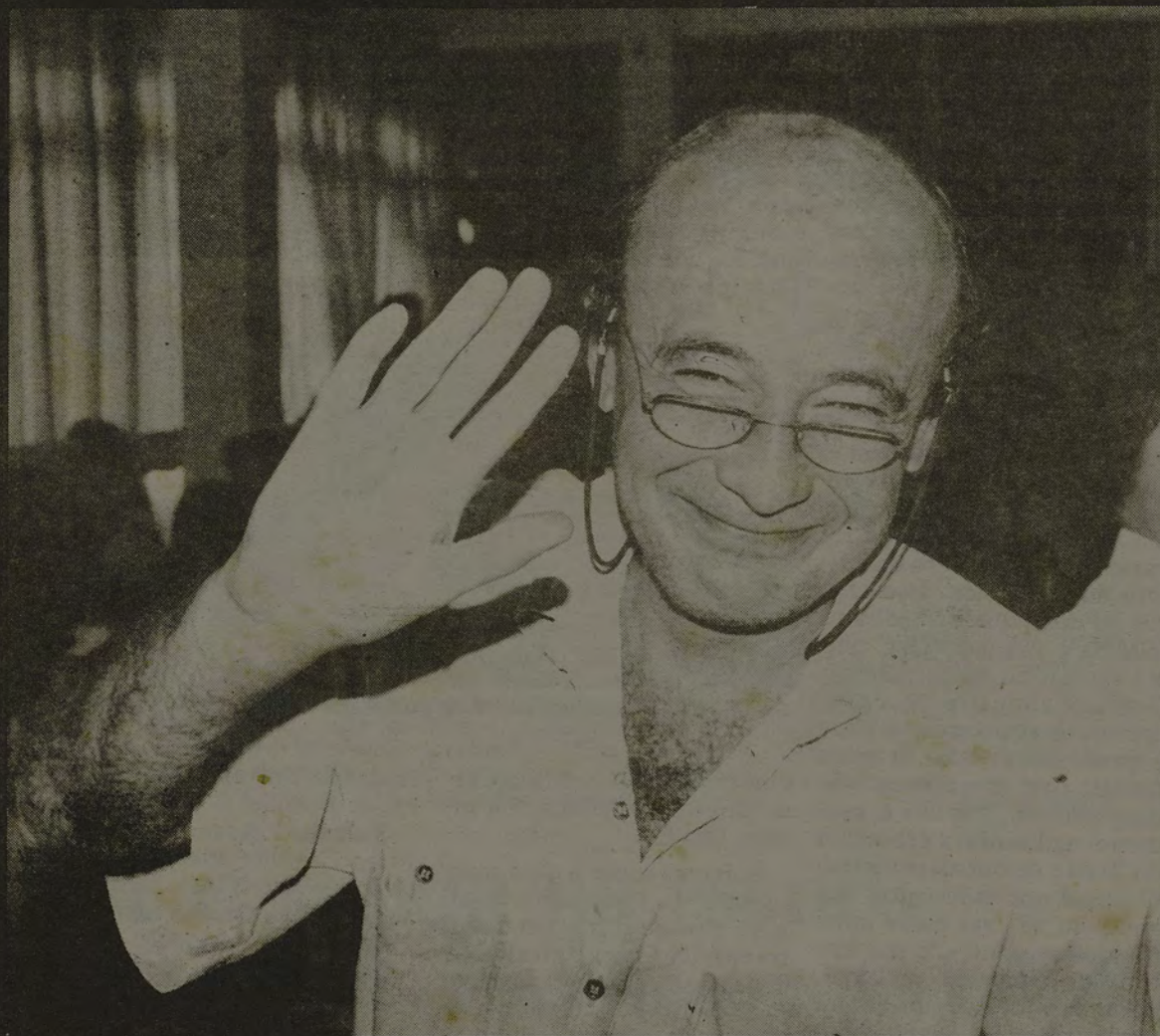
ZERO



Nº 5 • ANO X • FLORIANÓPOLIS, 28 DE ABRIL DE 1993 • CURSO DE JORNALISMO DA UFSC

PALAVRA DE REPÓRTER

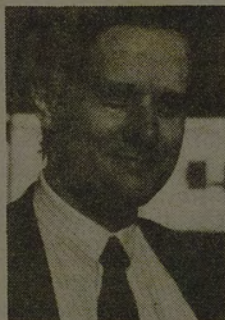
"A imprensa brasileira vive completamente distante da realidade do país"



Karine Montero - Zero

RICARDO KOTSCHO

ENTREVISTA
EXCLUSIVA
NA CENTRAL



A VISITA
DO OMBUDSMAN
DA FOLHA



PLEBISCITO
NÃO MOBILIZA
POPULAÇÃO

Curso entra com tudo em 93



ZERO

Nº 5
ANO X
ABRIL 93
CURSO DE JORNALISMO
CCE - COM

**Melhor
Peça Gráfica
I, II, III, IV e V
Set Universitário
Maio 88
Setembro 89, 90 e 91
Outubro 92**

**Jornal-Laboratório do Curso
de Jornalismo da Universidade
Federal de Santa Catarina**
Apoio: Alessandra Meinicke,
Josemar Sehnem

Arte: José da Silva Júnior
Colaboração: Kipper
Coordenação: Maria Alice
Baggio, Viviane Araújo
Copy-write: Jornalistas-
professores Gilka Girardello,
Luís Scotto, Ricardo Barreto,
Zeni Rates
Diagramação: Celso Gick,
Marta Scherer, Patrícia Jaco-
mel, Victor Carlson
Direção de Redação e Super-
visão: Professor Ricardo Barreto
(MTb 2708/RS)

Edição: Alexandre Gonçalves,
Celso Gick, Emerson Gasperin,
José da Silva Júnior, Nelson Correia,
Rogério Mosimann, Victor Carlson

Editoração Eletrônica:
Emerson Gasperin, (senior),
Victor Carlson, Angelita Correia,
Jaime Moraes

Fotografia: Ana Carine Mon-
tero, Diógenes Botelho
Laboratório Fotográfico:
Ana Carine Montero, Diógenes
Botelho

Textos: Alexandre Gonçalves,
Bob Barbosa, Celso Gick,
Diógenes Botelho, Diógenes Fischer,
Emerson Gasperin, Ivana Back,
Jaime Moraes, Janaína Toscan,
José da Silva Júnior, Jussara
Campelli, Luis Carlos Festl,
Marcelo Santos, Maurício
Oliveira, Meire Bertotti, Pa-
trícia Márcia de Souza, Sílvio
Pereira

Acabamento e impressão: Im-
prefar

Redação: Curso de Jornalismo
(UFSC-CCE-COM),
Trindade, CEP 88049-900,
Florianópolis/SC

Telefones: (0482) 31-9215 e
31-9290

Telex e telefax: (0482)
34-4069

Distribuição gratuita
Circulação dirigida

O Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina retorna ao clube dos dez melhores do país, segundo a pesquisa publicada na edição de março da revista Playboy. Prova de que o curso está crescendo são os ex-alunos, que hoje competem lado a lado com profissionais de todo o Brasil. Para entrar com tudo, o Departamento de Comunicação da UFSC prepara vários projetos para este semestre: cursos de extensão, palestras, semana de pesquisa, e em andamento, a informatização das salas de redação.

Outro grande passo para o reconhecimento externo do curso é o jornal-laboratório Zero. O jornal vai passar a ser distribuído a órgãos de imprensa, sindicatos, escolas de comunicação, editores de todo o país e correspondentes estrangeiros sediados no Brasil. O projeto *Gestão de Jornal Laboratório e sua Relação com a Imprensa* conta agora com uma bolsa de extensão para administrar esses contatos.

Com a mudança de público, o Zero também está adquirindo um novo perfil, com pautas mais abrangentes e um projeto gráfico que o levará de vez para a era da editoração eletrônica. Isso graças ao computador 386 com 40MHz e vídeo SVGA, que o Laboratório de Jornalismo Gráfico adquiriu recentemente. Aos poucos, alunos e professores vão manter contato com esse processo de diagramação, rápido e moderno, agilizando a produção do Zero e de outros projetos. O jornal que completou dez anos em 92, vai estar mostrando um pouco de sua história na Univalde, em Itajaí, durante o mês de abril, com a exposição *Dez Anos do Zero*. Para o segundo semestre, o departamento pretende fazer uma mostra de 50 jornais do mundo todo, incluindo capas do New York Times, Le Figaro e La Revolucion.

Memória do Jornalismo - O contato com a imprensa internacional não pára por aí. *O País Visto de Fora* promete trazer, num prazo máximo de dois anos, 30 jornalistas estrangeiros a Florianópolis e ainda traduzir códigos de ética de 70 países, que serão publicados pela Editora da

**Jornalismo sobe para 10º no ranking
expande a circulação do Zero e vai
trazer mais jornalistas este ano**

UFSC. O projeto ainda está sem patrocínio, mas deve começar este semestre. Outro sucesso: os alunos de Jornalismo também mantêm contato com grandes nomes da imprensa nacional através do projeto *Memória do Jornalismo* que já trouxe José Hamilton Ribeiro, Washington Novaes e Guillermo Piernes - só em 92.

O último convidado a dar palestra pelo projeto dia 19 de março foi o jornalista e escritor Ricardo Kotscho, atual assessor de comunicação de Lula. O objetivo do projeto é resgatar os bons tempos do jornalismo das décadas passadas. Ainda deverão vir a Florianópolis profissionais como Joel Silveira, que foi correspondente dos Diários Associados na 2ª

UFSC poderão treinar na prática suas habilidades com duas feiras nas áreas de fotografia e ilustração. O cartunista Edgar Vasquez vai estar durante uma semana no curso, com a oficina *Grafismo e Jornalismo Impresso, a Caricatura no Jornal*. Vasquez, um dos melhores cartunistas do país, é autor do *Rango* e do *Analista de Bagé*. As histórias do Analista, escritas pelo escritor Luís Fernando Veríssimo, foram publicadas durante dois anos na revista Playboy.

Entre os dias 16 e 20 de agosto, Luís Humberto Martins Pereira também estará oferecendo o curso *Fotografia: O Registro do Óbvio ou a Descoberta do Sensível?* Luís Humberto é ex-fotógrafo de Veja e hoje é professor



Um PC-386 já executa parte da editoração eletrônica

Guerra Mundial e Mino Carta, diretor de redação da revista Isto É.

Falando sobre a fase mais recente do jornalismo brasileiro o projeto traz em maio, o repórter Caco Barcelos da TV Globo; geração mais nova de jornalistas; estão previstas as vindas para os próximos meses de Gilberto Dimenstein, Walter Clark e Alberto Dines.

E, finalmente, dando continuidade ao debate iniciado pelo ombudsman do Folha de São Paulo, Mario Vitor Santos, dia 30 de abril estará aqui o chefe de redação do Estado de São Paulo, Delmo Moreira, que também é responsável pelo *Projeto Integração* dentro do jornal.

Cartum - Saindo da teoria, os futuros jornalistas da

titular da Universidade Federal de Brasília.

Talentos - As radionovelas *Luna Caliente* adaptação do livro do escritor argentino Mempo Giardinelli e o *Crime Perfeito* do catarinense Gustavo Neves Filho, estão em busca do patrocínio para ir ao ar. Mas o Núcleo de Radionovelas não pára: uma nova produção deve sair ainda este semestre. O *Universidade Aberta*, produzido pelos alunos de radiojornalismo também poderá voltar à ativa. O programa que era apresentado na antiga Rádio União está à procura de novo apoio.

Entre os meses de maio e junho, a professora Carmem Rial organiza a *Semana de Pesquisa*. Alguns convidados como o Pró-Reitor de Pes-

quisa e Extensão, César Zucco, e a professora Carmem Rosa, autora de trabalhos sobre jornalismo e gênero em jornais ingleses. Teses de mestrado e doutorado na área de comunicação, projetos de pesquisa do departamento e projetos de conclusão de curso de diversos alunos incluem a programação.

Num programa à parte, alunos formados na UFSC e que agora trabalham em outros estados deverão voltar a Florianópolis. Rosângela dos Santos, que faz a previsão do tempo no Jornal Nacional, já aceitou vir contar sua experiência aos ex-colegas.

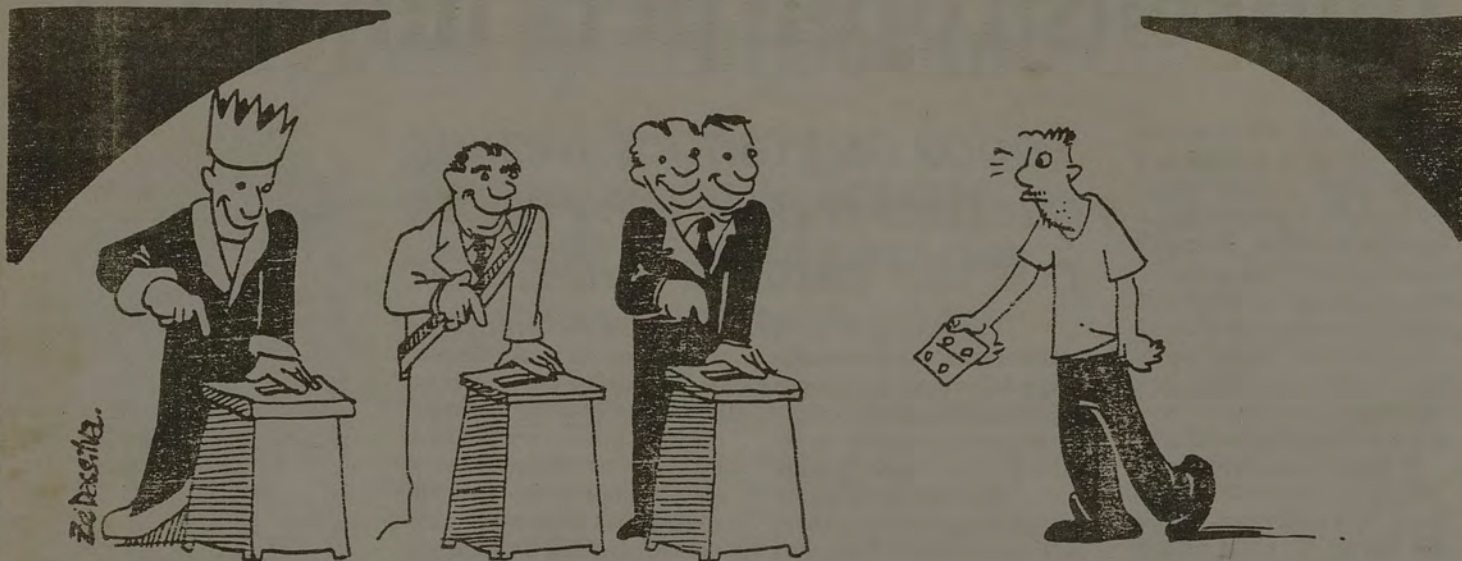
Hemeroteca - Mesmo com toda essa programação Francisco Karan, chefe do Departamento de Comunicação, ressalta que o curso precisa, antes de mais nada, de mudanças nas instalações. Os laboratórios exigem mais e melhores equipamentos e, assim como a hemeroteca, mais espaço físico. Está quase impossível trafegar entre as pilhas de jornais e revistas que esperam encadernação na "hemerô", e de nada adianta o Laboratório de Áudio ganhar um CD-Player, se não há verba para comprar os discos digitais.

A informatização das salas de redação é um plano que poderá se concretizar em breve. Um minicomputador com doze terminais vai ser desativado da Biblioteca Universitária, e com um pouco de sorte poderá iniciar a substituição gradativa das "emperradas" máquinas de escrever.

A ampliação do quadro de professores também é uma necessidade urgente. Neste semestre, o curso tem 80 turmas abertas - um recorde. Sete professores estão afastados completando sua formação, o que obrigou a contratação de sete professores substitutos - situação sempre incômoda, pois os contratos são feitos para seis meses e têm que ser renovados após esse período.

Em março passado, os professores Moacir Pereira e José Hamilton Ribeiro foram aprovados no concurso para titular na área de Redação Jornalística. Outro concurso para a área teórica será feito em junho.

Janaína Toscan



Para organizar o Estado surgiram Chefes e reis

QUANDO os homens realizaram as primeiras tentativas de organizar um Estado, surgiram os problemas sociais e políticos, e com eles os grandes chefes e reis.

O rei era coroado por direito divino, isto é, todo o poder se concentrava nas suas mãos e ele não precisava responder pelos seus atos. Era a monarquia absoluta. Em 1215, surgiu a monarquia constitucional, quando os nobres ingleses decidiram limitar por uma constituição (a Carta Magna) o poder absoluto do Rei João Sem Terra. Nenhum imposto poderia ser lançado sem consulta a um conselho (o Parlamento) onde estariam representadas as principais figuras do reino. Este foi o primeiro passo na direção de uma democracia moderna.

A Revolução Inglesa, em 1688, trouxe como consequência a deposição do Rei Jaime II. Seus sucessores, Guilherme III e Maria II foram coroados não mais por direito divino, mas por decisão do Parlamento que se afirmava como fonte de poder. A partir daí, o regime parlamentarista se aprimorou até atingir a forma atual, onde o rei ou o presidente detém um papel simbólico, cabendo o poder efetivo ao gabinete formado pela maioria parlamentar.

Contrário ao Parlamentarismo e fruto de uma longa evolução histórica, o Presidencialismo nasceu de um evento: a independência das Colônias Americanas. Em 1787, na Filadélfia, os constituintes americanos inventaram um sistema baseado numa figura dominante para comandar o Poder Executivo — o presidente —, mas com margem de manobra severamente controlada pelos poderes Legislativo e Judiciário, e pelas imposições do regime federativo.

Praticamente toda a América Latina imitou o bem-sucedido presidencialismo americano, e o parlamentarismo inglês ganhou espaço em quase todos os países europeus.

Textos: Meire Bertotti

Frentes criam confusão

Propaganda política gratuita no Brasil sempre foi sinônimo de rádios e tevês desligadas. E com a campanha para o plebiscito de 21 de abril não foi diferente. As frentes parlamentarista, presidencialista e monarquista deram um show de desrespeito ao eleitor. Os programas exibiram diariamente um festival de acusações, informações erradas e superficiais, brigas e muito jogo de interesses. O resultado disso é que a maioria das pessoas votaram indecisas.

Os presidencialistas alertaram a população contra o que chamam de o "golpe do parlamentarismo", ou seja, o fim das eleições diretas para presidente. Mas, segundo os parlamentaristas, pelo modelo parlamentar proposto pela Frente Ulisses Guimarães, o presidente da República será eleito pelo voto direto. Mas a frente parlamentarista não

Desinformação, mentiras e fofocas dão espetáculo na propaganda gratuita

ficou atrás na hora do ataque, e em seus programas não cansou de repetir que no sistema presidencialista é mais fácil eleger um presidente corrupto e mais difícil tirá-lo do poder. O parlamentarismo foi apresentado como um sistema imune à corrupção, mas seus apoiadores "esquecem" de mencionar a avalanche de escândalos que vem acontecendo na Itália, país que adota o sistema de governo parlamentarista.

Rei das Besteiras

Os monarquistas tiveram a coragem de ir à televisão pedir ajuda financeira para a campanha. Bastava telefonar para "coroar a democracia" e fazer contribuições de Cr\$

100 mil, Cr\$ 500 mil, ou Cr\$ 1 milhão. Provavelmente é com esse dinheiro que eles pretendem continuar falando besteiras como a que foi dita nos programas: segundo os monarquistas, o brasileiro tem uma grande atração pela coroa, e um exemplo disso é o grande número de casas comerciais que usam símbolos reais, como o "Império das Telhas" ou "O Rei do Bacalhau".

Preocupado com o rumo que a campanha estava tomando, o ministro do Tribunal Superior Eleitoral, Paulo Brossard, decidiu intervir nos programas. Ele gravou três depoimentos, de 15 minutos cada, para explicar melhor ao

eleitor os sistemas e as formas de governo em jogo no plebiscito de abril. Usando termos que não são comuns à maioria das pessoas, como "eletividade" e "vitaliciedade", o pronunciamento não alcançou o resultado esperado. Uma pesquisa realizada pelo Data-Folha, dois dias após os pronunciamentos, constatou que 44% dos entrevistados consideraram as explicações do ministro pouco esclarecedoras.

Mas quem pensa que a ida do ministro Brossard aos programas intimidou as frentes, se enganou. Elas continuaram mantendo a campanha no mesmo nível. E pior. Prometeram "pegar" mais pesado. É incrível, mas isso são coisas do Brasil. Usar instrumentos democráticos, como a propaganda política gratuita, para promoção pessoal, num momento tão importante como esse, é com certeza, deplorável.

Ivana Back

Eleitores votam no escuro

Depois de 67 anos de dinastia Bragança e 103 anos de República a sociedade brasileira vai escolher a forma de governo e também o sistema pelo qual quer ser governada. Quanto à forma, a opção será entre a volta à monarquia e a permanência da república. Com relação ao sistema, deverá decidir entre presidencialismo ou parlamentarismo.

Para ajudar nesta tarefa é indispensável que o eleitor conheça o mínimo sobre cada possível escolha. Na monarquia, não é preciso pronunciar-se sobre o sistema de governo, já que, de acordo com a Constituição, ela será constitucional, necessariamente parlamentarista. A função de chefe de Estado é exer-

cida por um rei com direito hereditário. Suas atribuições, porém, limitam-se a representar o país externamente, já que o governo, de fato, é entregue a um primeiro-ministro. Caso esta forma de governo ganhe, caberá ao Congresso Nacional definir quem será o monarca.

Se o eleitor escolher a república, deverá então optar entre os dois sistemas de governo.

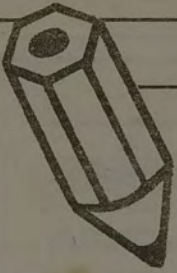
No Presidencialismo, as funções de chefe de estado e chefe de governo confundem-se numa só pessoa - o presidente da República. Seu mandato é fixo, bem como o dos membros do parlamento; a não ser nos casos excepcionais de impeachment do presidente, e da cassação do mandato dos parlamentares. Na República Parlamentarista,

O chefe de Estado é o presidente e o chefe de governo e o primeiro-ministro eleito pelo parlamento. Diante de uma decisão polêmica, de queda de prestígio ou de fissuras na base de apoio do governo, o primeiro-ministro e o restante do gabinete podem ser destituídos por uma moção de desconfiança aprovada pelo parlamento. Em contrapartida, o parlamento pode ser dissolvido pelo chefe de Estado. Isto demonstra a mistura entre os poderes executivo e legislativo, que no parlamentarismo se confundem e interferem um no outro.

Mesmo com todos os esclarecimentos, no momento de votar o eleitor deu um salto no escuro. Algumas questões impor-

tantes só vão ter respostas depois do plebiscito: O sistema escolhido para o País será aplicado também nos estados? Votar no presidencialismo significa aprovar o modo como ele tem funcionado até agora? Se o parlamentarismo ganhar, qual será o papel dos governadores? O primeiro-ministro será obrigatoriamente um parlamentar?

Uma coisa, porém, é certa: seja qual for o resultado do plebiscito, o Congresso Nacional sairá fortalecido. No parlamentarismo - monárquico ou republicano - o parlamento será o governo de fato. No presidencialismo, a forma proposta pelo Movimento Republicano Presidencialista (MRP) limita os poderes do presidente.



Imprensa opta pela mudança

Povo responde

A reportagem do Zero foi às ruas em Florianópolis entre os dias 5 e 7 de abril e fez as seguintes perguntas: **Você já sabe em que votar no plebiscito? Qual o motivo de sua escolha?**

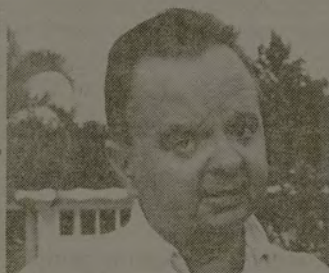
"Eu vou votar no parlamentarismo presidencialista. Não, quero dizer, sou parlamentarista e acho que essa é a única proposta que traz algo de novo. É bom para os jovens".

Eduardo Goes - artesão

"O parlamentarismo é melhor, porque é o sistema que mais condiz com a realidade brasileira. Pelo passado se sabe que o presidencialismo não dá resultado, é só observar o que aconteceu com o último presidente".

Paulo Roberto Paes

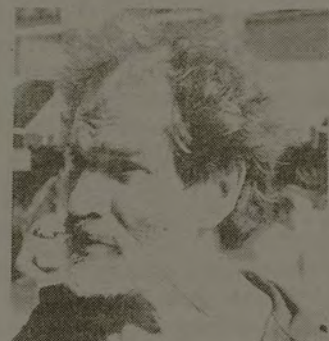
Fotos: Diógenes Botelho - Zero



Paes: "Presidencialismo não dá"

"Vou votar no parlamentarismo republicano para dividir o poder, só assim o monopólio no governo acaba. Na propaganda da TV as frentes preocupam-se em criticar-se mutuamente não trazendo nada de novo para o debate".

Erivelto Peixoto



Soares: "Não voto em ninguém"

"Não vou votar em proposta alguma. Já faz um tempão que eu não voto em ninguém, pois tô sabendo que político é tudo igual. O único que prestava era o Getúlio, que já morreu faz uns dez anos, não é verdade?".

Seu Soares-mendigo

Voto no parlamentarismo porque nesse sistema se escolhe um primeiro-ministro que é obrigado a apresentar um plano de governo, que tem um prazo fixo para ser cumprido. Votar no parlamentarismo é apostar no futuro do Brasil".

Priscila Souza

A grande imprensa brasileira se posicionou a favor do parlamentarismo durante toda a campanha pelo plebiscito. Apesar da maioria dos jornais terem feito um serviço de esclarecimento a seus leitores, apresentando prós e contras de cada proposta, nos editoriais e nos artigos dominaram mesmo as idéias parlamentaristas.

O mais engajado entre os "jornalões" foi o Folha de São Paulo. Mesmo abrindo espaço aos artigos de todas as três frentes, o FSP favorecia o par-

Todos os grandes jornais querem o país governado por um primeiro-ministro

lamentarismo. Além dos editoriais defendendo a mudança do sistema, o jornal publicou quase que diariamente as colunas de José Serra, Delfim Netto, Tasso Jereissati e José Sarney, principais membros da Frente Parlamentarista Ulysses Guimarães. Depois

de ter saído na frente durante as Diretas-Já e nas críticas ao governo Collor, com editoriais de primeira página, o FSP vacilou: apostava na vitória parlamentarista e na sua consagração como o principal veículo escrito de formação de opinião.

O Jornal do Brasil foi o único dos quatro principais jornais do país que inclinou, ainda que disfarçadamente, para o lado monarquista. Para o JB, o apoio à volta a monarquia era quase uma questão de tradição: sua fundação, em 1891, estava ligada a simpatizantes da Coroa, que ainda sonhavam em replantar a monarquia. Se depender do discreto poder de persuasão do JB, o Brasil não vai cair na real tão cedo.

José da Silva Jr.

Diário peca pela vontade de dar tudo, até o que é fútil

A cobertura feita pelos quatro principais jornais de Santa Catarina sobre o plebiscito, não conseguiu evitar a opinião. Eles criticaram a falta de informação sobre o assunto e a péssima qualidade dos programas eleitorais, tratando disso em editoriais e colunas assinadas.

O Estado é o que menos se preocupou com uma cobertura informativa, dando pouco espaço aos fatos da campanha e publicando apenas os mais relevantes ou mais interessantes. As poucas matérias sobre o plebiscito foram escritas e editadas dentro de uma ótica parlamentarista. Embora o jornal não toque no assunto nos editoriais, a coluna *Ponto de Vista* do dia 28 de fevereiro resume a sua posição. O editor-chefe, Mario Pereira, assina o artigo intitulado "Parlamentarismo sim".

O Diário Catarinense procura cobrir tudo o que acontece na campanha do plebiscito. A preocupação em "dar tudo", que o DC assumiu leva o jornal a publicar coisas do tipo *Videntes prevêem parlamentarismo*.

Amnésia — O jornal publicou duas edições especiais, nos dias 10 de fevereiro e 21 de março, e mantém uma coluna permanente chamada *ABC do Plebiscito*, que respondeu às dúvidas enviadas pelos leitores. Mas toda essa busca pela informação é prejudicada quando o jornal comete erros primários, como usar o mesmo título, em duas edições diferentes na semana — ver box.

O Jornal de Santa Catarina, RBS em Blumenau, chama para si toda a opinião que o DC procura evitar. De cada dez artigos tratando do plebiscito, em média sete foram simpatizantes ou defensores ferrenhos do parlamentarismo. Os outros três são divididos entre os presidencialistas, os monarquistas e os defensores simplesmente da República, sem especificar o sistema de governo.

Outro dos quatro grandes, o jornal A Notícia, de Joinville, procura manter um tom de imparcialidade. Apesar de abrir espaço para opiniões e artigos assinados, A Notícia distribui esses espaços igualmente entre as três frentes.

Diógenes Fisher

Maciel quer responder à Frente Parlamentarista

Senador entra com pedido no TSE para poder desmentir na TV que votou contra as diretas

Ataques pessoais

D. Bertrand é recebido com festa na Bahia

BRASILIA

CONSULTA POPULAR (1)

Maciel quer responder à Frente Parlamentarista

Senador nega ter votado contra as Diretas. Brasília diz que PDT vai manter o seu espaço próprio

NO CORPO A CORPO

DC usa título duas vezes

Sábado, 13 de março de 1993. Página 6 do Diário Catarinense. O título: "Maciel quer responder à Frente Parlamentarista". Bonitinho, não? É o que deve ter achado o editor de política, pois na edição do dia 15, segunda-feira, lá estava o mesmo título novamente, alegre e saltitante, só que desta vez na página oito. Acorda DC!

Fax agiliza apuração em SC

Santa Catarina utilizou o fax para agilizar a apuração dos votos no plebiscito de 21 de abril, repassando os dados do interior diretamente para o Tribunal Regional Eleitoral (TRE), em Florianópolis. A divulgação do resultado final foi tabulada até a meia-noite do dia 21, quando os números totais do estado foram enviados para Brasília.

O sistema de apuração foi elaborado no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) em Brasília e repassado para todo o

Sistema impede fraudes e possibilita contagem dos votos em tempo recorde

país. Os votos passaram pelas juntas apuradoras que totalizaram o resultado e entregaram o boletim de urna ao Juiz Eleitoral da região. Ao término da apuração o resultado final de todas as urnas da locali-

dade foram remetidos, via fax, ao TRE, em Florianópolis. O sistema é considerado à prova de fraude, pois os fiscais conferem o boletim de urna antes e depois dos números passarem pelo computador.

Para atender os 260 municípios catarinenses esta eleição contou com 66 mil mesários e quatro mil escrutinadores. O material eleitoral (urnas, cédulas, cabines) foi remetido para todas as comarcas eleitorais do estado, e está pronto para receber os 2.974.926 eleitores de Santa Catarina. Os eleitores catarinenses que estavam fora de seu domicílio eleitoral, puderam justificar a ausência e os de outros estados puderam votar em trânsito.

Diógenes Botelho

Políticos ficam desacreditados com festival de contradições

O flagrante desinteresse dos eleitores em relação ao plebiscito de 21 de abril mostra, entre outras coisas, o descrédito que sofre a classe política do país. Fato que não é de se estranhar, pois as lideranças políticas fazem da campanha do plebiscito um festival de contradições, onde cada grupo busca viabilizar seu êxito eleitoral em 94.

O líder do PT, Luís Inácio Lula da Silva, que defendeu veementemente o parlamentarismo na Constituinte de 88, atualmente afirma estar presidencialista. "Apesanas vou dizer que meu partido recomenda o voto neste sistema de governo e temos que acatar a decisão do plebiscito interno".

Mas o próprio Lula e as lideranças do PT jogaram o partido na posição presidencialista mesmo antes do plebiscito interno. Na verdade o PT já se sente com os pés no Planalto, prevendo a derrota do parlamentarismo.

Obviamente quase toda esquerda é presidencialista, este é o caminho mais curto e viável para sua chegada ao poder. Esta afirmação serve também para o PDT de Leonel Brizola que é, sem dúvida, o partido mais coeso na proposta presidencialista. Posicionamento esperado, porque com a vitória parlamentarista seria enterrado de vez o obstinado sonho de Brizola de ser presidente do país.

Mas Brizola nem sempre foi tão presidencialista. Em dois momentos defendeu o regime de gabinete. Em 1947 achava que o melhor sistema de governo para o Rio Grande do Sul era o parlamentarismo, também em 1957 disse que o presidencialismo teria morrido com Vargas. "Só falta exorcizarmos o fantasma que ficou e nos atormenta".

Metamorfose

Outra figura que costura sua base política para 94 é o prefeito de São Paulo, Paulo Maluf. O prefeito que nunca falou em parlamentarismo, hoje é um de seus maiores defensores, comprome-



tendo-se até a subir em palanque para defender a proposta. Mas essa metamorfose política tem explicação. Maluf defendendo o parlamentarismo amplia seu campo de negociação política. Assim se aproxima do PSDB e de setores de centro direita e com a provável vitória presidencialista, a seu ver, terá melhores condições de trânsito nos grupos derrotados no plebiscito.

O ex-governador Orestes Quécia, presidencialista, quase ausente da campanha no vídeo pela repercussão das denúncias que recaem sobre sua administração, também sonha com a presidência do país. Quécia instrumentaliza sua campanha para 94, através do programa de rádio da frente presidencialista, espaço que usa quase diariamente. Sobre Quécia o atual governador de São Paulo, Luís Antônio Fleury, disse em entrevista: "Ele teve um papel importante na minha eleição, mas a população já vê que existem diferenças entre nós".

Celso Gick

Convergência faz campanha pela anulação do voto

A Convergência Socialista e várias outras frentes de esquerda com tendências trotskistas defendem a anulação do voto para o plebiscito do dia 21 de abril. Consideram que "seja qual for o resultado da consulta, será o Congresso que terá os poderes para definir o regime". Expulsa do PT em 1992, a Convergência Socialista está reunindo várias tendências de esquerda para formar um novo partido, a Frente Socialista. Para Edilson Francisco da Silva, da Convergência, todos estes grupos defendem o voto nulo no plebiscito de abril.

"Caso milhões de pessoas anulassem o voto, o mandato do Congresso estaria questionado e poderia haver reformas mais democráticas na sociedade", foi isso que Tarcísio Eberhardt, dirigente da Convergência em Florianópolis afirmou durante um debate realizado dia 18 de março, no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC. No mesmo dia e horário, no Centro Sócio Econômico, outro debate sobre o plebiscito estava sendo realizado. Lá também estavam representantes da Convergência Socialista, defendendo o voto nulo.

Entre as opções disponíveis, a Convergência considera o Parlamentarismo como o sistema "mais democrático", mas segundo Eberhardt somente se ele vier acompanhado de reformas que incluam ampla liberdade partidária, representação proporcional dos estados não ao voto distrital. Para ele, votar em um dos sistemas é passar "um cheque em branco ao Congresso".

Sílvio Pereira

Povo responde

"Eu e meu marido vamos votar em branco porque não adianta confiar nesses políticos. Na eleição passada votei no Collor e deu no que deu, se não fosse obrigado votar nem ia." **Rita de Cássia Antunes**, dona de casa.

"Defendo o presidencialismo, em primeiro lugar porque sou presidente de uma entidade e acho que é o melhor sistema para o país. Além disso, tenho medo de entregar o poder para nossos parlamentares." **Fernando de Mattos**, presidente do C. A. de Ciências Contábeis da UFSC.



Rita: "Vou porque é obrigado"

"Sou presidencialista porque acho que o problema da crise brasileira não está na forma de governo, o que falta são administradores sérios. Prefiro eleger um bom presidente do que confiar em 503 deputados." **Nicole Orfali**, estudante.



Nicole: "Falta gente séria"

"Esta história de parlamentarista é puro aluguel na cabeça do povão. Sou presidencialista convicto, e acredito que esta campanha vai botar todo nosso dinheiro na mão dos tubarões. No ano que vem, vou fazer que nem em 89: vou votar no Maluf." **Francisco Silva**, comerciante.

"Escolhi o presidencialismo porque quando o presidente rouba, a gente tira como fez com o Collor. Atualmente, não se aceita mais políticos corruptos, hoje os cara pintadas vão às ruas e tiram eles do poder." **Carolina dos Santos**, almocharife.

Celso Gick e Diógenes Botelho

ZERO DEPOIMENTO

ZERO Qual o perfil dos profissionais que chegam à imprensa hoje: seu compromisso com o leitor, seu empenho profissional?

Kotscho - Eu sou sempre muito otimista. Tenho a esperança que a geração de vocês tenha mais disposição para a luta do que aquela que fica entre a minha geração e a de vocês. Aqueles que hoje estão com 30 anos entregaram os pontos. Nem tentaram fazer alguma coisa. E não é só questão de ser bom profissional, de saber escrever bem. Acima de tudo é uma questão de ser bom cidadão. Jornalista não é um poeta que escreve bonito. Deve ter compromisso com a sociedade do seu tempo, com o momento que o país está vivendo. Vejo as gerações que saíram das faculdades nos últimos anos muito individualistas e com pouca humildade para aprender as coisas. Se pensava que com o fim da ditadura e a liberdade de imprensa as coisas fossem melhorar. O que houve foi um retrocesso. Os jornais de hoje são piores do que há 10 anos. Isso não quer dizer que tenham que continuar assim. É preciso pensar em mudar isso daqui para a frente.

Z - Qual a sua opinião sobre os quatro grandes jornais brasileiros?

Kotscho - É difícil generalizar porque os jornais mudam muito dependendo de quem os faz. Não importa tanto quem é o dono do jornal ou a linha editorial, mas qual a equipe que está fazendo o jornal naquele momento: do editor-chefe ao último repórter. Por exemplo, um dos jornais mais conservadores do país, O Estado de São Paulo, foi o que mais combateu a censura durante a ditadura militar. A equipe de redação daquela época brigava muito com os censores para publicar as notícias. A Folha de São Paulo teve dois momentos completamente diferentes: um de subordinação total ao regime e outro de confronto e insubordinação, quando Cláudio Abramo assumiu a direção de redação. E os donos eram e continuam sendo os mesmos. Por isso, digo que não é sempre igual e não depende só do dono do jornal. O Globo é um jornal que há algum tempo eu nem lia. Hoje acho um bom jornal. Tecnicamente está sendo bem feito e também por questões de mercado resolveu abrir espaço para temas e personagens que antes não podiam aparecer. Porque além da ideologia do patrão, há uma questão de mercado. Logicamente, o problema do mercado não pode ser levado a extremos como acontece atualmente em São Paulo.

Hoje a grande guerra se dá não para ver quem tem a melhor notícia, a melhor manchete, mas quem faz o melhor caderno de classificados. É o "endeusamento" do marketing. Em nenhum desses jornais você tem grandes jornalistas, mas tem grandes "marketeiros".

Z - As reportagens estão desaparecendo dos jornais. É uma política das empresas de comunicação ou incompetência dos profissionais?

Kotscho - Uma questão central é a recessão econômica. Um bom jornalismo exige dinheiro. Mas não é só isso. Hoje, na chefia das redações está uma geração que não fez reportagem. O sujeito sai da faculdade, trabalha um ano e vira editor-chefe. Como formar os novos profissionais se nas redações não há gente que fez reportagem com conhecimento para transmitir? Houve uma evolução no jornalismo dos meios eletrônicos - principalmente a TV - e retrocesso no jornalismo impresso. O que se vê é um

resumo daquilo que a TV veiculou. Ao invés do jornal ir mais fundo, fica aquém da própria TV. Isso decorre desse jornalismo estilo telegráfico, igual às notícias da Folha de São Paulo, que mais parecem boletins de ocorrência preenchidos pelo escrivão de polícia. O jornal USA Today, que introduziu esse modelo na imprensa americana está falido e nós continuamos a copiar isso no Brasil. Na Europa, ao contrário, os jornais são sólidos, porque é um jornalismo de autor. Em vez de dizer que a bomba foi daqui para lá, na guerra da Iugoslávia, você conta a história de um personagem, de uma família, ou faz uma análise das causas da guerra e o que pode acontecer daqui a alguns dias. Para fazer isso é necessário competência profissional, muita informação e vontade de trabalhar. Existe também uma grande preguiça do pessoal mais novo que se acomodou. Hoje é comum fazer notícias por telefone. Se cortarem todas as linhas telefônicas das redações dos principais jornais brasileiros, eles não circulam no dia seguinte. Esse é um jornalismo de segunda mão. Não é nem jornalismo de gabinete, é muito pior. Os repórteres nem saem da redação. É fácil botar a culpa nos outros, no chefe, no patrão. Mas os repórteres, o que estão fazendo? Devem ser eles a levar a boa informação para o jornal, e convencer o chefe que vale a pena gastar dois ou três dias para cobrir aquilo, e depois brigar para que seja publicada. E por isso não pode trabalhar seis horas por dia como em um banco. Outro capítulo é brigar no sindicato pelas horas extras e um salário melhor. O que não pode é trabalhar aquelas horas, deixar o texto pelo meio e ir embora. Quem quer ter horário certo deve procurar outro emprego, não ser jornalista. Há um distanciamento completo entre a imprensa e a realidade brasileira. Os jornais estão cheios de opiniões sobre plebiscito, parlamentarismo, presidencialismo, como se essa fosse a questão fundamental. Mas existe um Brasil real com outras preocupações, como a de conseguir um prato de comida, por exemplo.

Z - Dizem que a imprensa brasileira sofre de pessimismo, que só publica notícias ruins. Você concorda com isso?

Kotscho - Concordo plenamente. Há uma deformação na nossa imprensa porque ficou mais fácil denunciar as desgraças, o que está errado. Enquanto isso tem muita coisa boa acontecendo por aí, que não são noticiadas. O desafio que se apresenta não é tanto encontrar as más notícias mas sim as boas, e ter coragem de divulgá-las. Nós temos um povo fantástico que está conseguindo sobreviver nesta crise, que supera dificuldades imensas. E para mudar a nossa realidade não basta denunciar o que está errado. É preciso também apresentar soluções, mostrar o que está funcionando.

Z - Você está de acordo com a tese de que no futuro sobreviverá somente um grande jornal em cada capital? Ou existem outras perspectivas?

Kotscho - A tendência é a regionalização e a segmentação da imprensa. Existem hoje milhares de publicações dirigidas. O mercado se ampliou muito nos últimos anos. Em São Paulo estão crescendo as televisões regionais que criaram mercados locais. A própria Folha de São Paulo

O jornalista Ricardo Kotscho esteve na UFSC no dia 20 de março como o quarto convidado do projeto Memória do Jornalismo. Promovido pelo Departamento de Comunicação da Universidade e o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Santa Catarina, com o apoio da Souza Cruz, o projeto já trouxe à Florianópolis Washington Novaes, José Hamilton Ribeiro e Guillermo Piernes. Ao contrário dos outros convidados, que fizeram palestras, Kotscho preferiu ser "entrevistado" pelos presentes. Durante a conversa resgatou alguns episódios de sua trajetória profissional em 30 anos na imprensa brasileira.

Jornalista não é poeta

Ele iniciou na profissão aos 15 anos em um jornal de bairro em Santo Amaro, São Paulo. Aos 18, foi para O Estado de São Paulo, onde ficou 11 anos, exercendo as funções de repórter, editor e chefe de reportagem. Em 1977, Kotscho realizou "o sonho de todo jornalista: ser correspondente no exterior". Ficou dois anos na Alemanha como correspondente do Jornal do Brasil. Entre os momentos mais importantes de sua carreira ele cita a campanha das Diretas-Já em 84. Na época o jornal onde trabalhava, a Folha de São Paulo, "acreditou e incentivou a campanha". Em 1989 Kotscho viveu "uma experiência fantástica, como profissional e cidadão", assessorando o candidato da Frente Popular nas eleições presidenciais. A reportagem do Zero destaca alguns pontos do "bate-papo" entre Kotscho, os alunos e profissionais. Entrevista: Jaime Moraes

criou cadernos por região, abrindo novos mercados no interior. A verdade é que os grandes meios, incluindo os quatro ou cinco maiores jornais, não tem essa força toda que já tiveram no Brasil. É uma ilusão imaginar que eles podem tudo. A campanha das Diretas em 84 foi um exemplo disso. A Rede Globo não noticiava nada até que o povo na rua começou a virar seus carros e as concorrentes transmitiam ao vivo os grandes comícios. Quando a Globo começou a perder audiência foi obrigada a mudar o comportamento.

Z - Como você vê os jornais das cidades do interior e sua influência sobre a população?

Kotscho - Quanto menor a cidade e menor o jornal, mais facilmente ele é manipulado por quem detém o poder. Em uma pequena cidade o coronel local é o dono do jornal que serve para fazer suas campanhas políticas. E se o profissional não é do mesmo grupo político não tem liberdade nenhuma. Em 1988, houve uma ampliação dos currículos de imprensa, com a distribuição de canais de rádio e televisão durante aquela batalha pelos cinco anos para o Sarney. Foram distribuídos centenas de canais de rádio

Z - Qual é a saída para a democratização dos meios de comunicação?

Kotscho - A saída não é única. É preciso brigar em todas as frentes. É importantíssimo se mobilizar para lutar no Congresso durante a revisão constitucional. Isso não impede a criação de rádios-pirata onde for possível, ou a participação na imprensa sindical, do movimento popular, da Igreja. Mas é preciso que cresça a consciência de cidadania. Essas coisas devem vir juntas, quanto maior a consciência do cidadão, maior a democratização e quanto mais democráticos forem os meios, maior a consciência de cidadania. Há 10 aos os metalúrgicos de São Bernardo estão brigando por uma rádio própria, ao invés de lutar contra a rádio dos chefes políticos. E agora, no governo Itamar, finalmente saiu a

Kotscho - Eu não digo que alguém deva ser um Dom Quixote, que jogue tudo para o alto. Mas quando eu comecei não se pensava só no emprego. A gente brigava muito, não por idéias políticas, mas pelo nosso trabalho. E esta é uma briga permanente. A insubordinação é o valor fundamental do jornalista e também do cidadão.

"No caso Collor a imprensa deu um show de hipocrisia"

Não aceitar as coisas do jeito que estão. Você tem que brigar até o limite das forças de que dispõe, sem ser besta. Quando não dá mais para fazer um bom trabalho eu demito o jornal e vou embora. É melhor do que ficar fazendo um trabalho indigno e se queixando da vida.

Z - Durante o processo de impeachment se falou muito do papel da imprensa, do ressurgimento do jornalismo investigativo.

Kotscho - Houve um grande festival de hipocrisia. A imprensa se auto-endeusou exageradamente nesse episódio. Desde 1989, durante a campanha presidencial todos os jornais e todos os jornalistas sabiam de todas aquelas histórias do Fernando Collor de Mello. O que o Pedro Collor contou não era novidade para nenhum jornalista. A novidade é que ele procurou uma revista de prestígio como a Veja e tornou público o que todos sabiam e estavam escondendo. Se não fosse a briga entre os membros da quadrilha o Collor estaria no poder até hoje. Todos os heróis que surgiram depois, inclusive a imprensa, não teriam aparecido se o Pedro não tivesse colocado o dedo na ferida. Houve bons trabalhos de investigação. O resto foi tudo festivo, muito oba-oba. E depois? Tão grave quanto a roubalheira da quadrilha das Alagoas é a fome e a seca no nordeste. Aliás, essas coisas estão ligadas porque o Collor não é o único responsável. Ele é o produto de um sistema político, do comportamento de uma elite que o levou ao poder e continua mandando e matando no país. E eles continuam todos soltos. E o que a imprensa está fazendo agora?

Z - Por que você deixou de fazer reportagem e se tornou assessor de imprensa?

Kotscho - Eu não gosto muito da palavra assessoria de imprensa. Ela está mais para publicidade e o meu negócio é jornalismo. Estou nisso devido às circunstâncias. Em 1989 o Lula me convidou para fazer a campanha e não pude recusar. Sempre fomos amigos, desde antes da existência do PT e por isso aceitei. Quando terminou a campanha voltei para o Jornal do Brasil. Lá encontrei dois problemas. O primeiro é que não se podia mais viajar e devia fazer as matérias por telefone. Sempre combati isso porque é enganar o leitor. Em alguns momentos cheguei a viajar pagando do meu bolso. E mesmo quando fazia essas aberrações profissionais você chegava na redação com uma ou duas páginas sobre o assunto e te mandavam fazer 30 linhas. E esse era o segundo problema: não tinha espaço para publicar. E o Jornal do Brasil ainda era o último que permitia fazer um bom trabalho. Na cobertura do impeachment, durante o grande comício do Anhangabaú, encontrei o Clóvis Rossi num canto, triste. Tinham pedido para ele mandar o texto da notícia até as oito horas da noite, em 25 linhas, não importando o que acontecesse. Quer dizer, não importa mais o fato. Isso é o fim do jornalismo. Nunca quis deixar a reportagem. Fui obrigado porque não havia mais espaço para mim. Nesse momento eu senti que tinha chegado ao teto em um jornal. Tudo o que eu podia fazer, tinha feito. E o caminho que encontrei para continuar tentando mudar as coisas e influenciando sobre a realidade foi voltar a trabalhar com o Lula. Penso que cada um deve encontrar um caminho na vida e eu não gosto de gente que fica reclamando o tempo todo. Você tem que brigar por aquilo em que acredita.



"Jornais de hoje são piores do que há dez anos"

AM, FM, e TVs locais, criando-se assim um imenso curral eletrônico. E esse é o grande poder no Brasil hoje. Não é só a Rede Globo, ou os grandes jornais. São principalmente as rádios locais, usadas com fins políticos o tempo inteiro. Servem para destruir os adversários e enaltecer o dono da rádio. Isso acaba criando um Inocência de Oliveira, presidente da Câmara Federal.

rádio para eles. É uma primeira amostra, também para outras categorias, que é possível romper esse monopólio. Isso não impede que se use os espaços nas rádios que estão aí.

Z - E o problema da insubordinação dentro da hierarquia da empresa?

O Catharinense reaparece, na surdina

Reapareceu, na Biblioteca Universitária, o único exemplar conhecido da primeira edição *O Catharinense*, de 1931. O jornal, marco inicial da imprensa em Santa Catarina, estava desaparecido há mais de três anos. Os funcionários da Biblioteca resolveram procurar o exemplar porque havia o boato de que ele estaria "no lugar de sempre". Dito e feito: no primeiro dia de trabalho deste ano, 4 de janeiro, depois de uma semana de feriado, *O Catharinense* foi encontrado entre os jornais antigos da seção de obras raras. O jornal estava dentro de um saco plástico, o que chamou a atenção por se tratar de um procedimento incomum entre as obras raras.

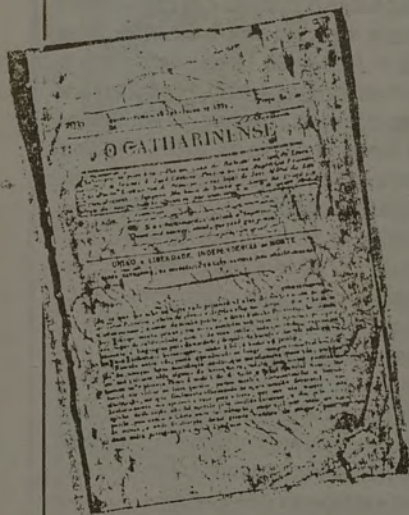
Mesmo com o reaparecimento do jornal *O Catharinense*, a UFSC abriu inquérito administrativo para investigar o caso. A comissão já foi nomeada e os trabalhos, que incluem depoimentos dos envolvidos - devem estar concluídos em cinquenta dias.

A dúvida é saber se o jornal nunca saiu da sala de obras raras ou se estava, de fato, sumido por tanto tempo. O certo é que, por mais que tenha sido procurado, o jornal não foi visto desde outubro - quando o *Zero* denunciou o seu desaparecimento - até o dia em que foi encontrado, mais de dois meses depois.

A sala de obras raras, foi interdita em novembro para reformas e reavaliação do acervo. A partir desta data, o acesso à sala esteve limitado aos funcionários - ou a quem que, por ventura, tenha uma cópia da chave da porta.

Segundo a diretora da Biblioteca Universitária, Maria Ghisoni, as reformas na sala de obras raras estão lentas por falta de verbas e funcionários. A colocação de cortinas "black-out" e o conserto do ar-condicionado, únicos trabalhos feitos até agora, usaram dinheiro das multas por atraso na devolução de livros.

Maurício Oliveira



Servidores preparam greve geral

Paralisação tem indicativo para maio

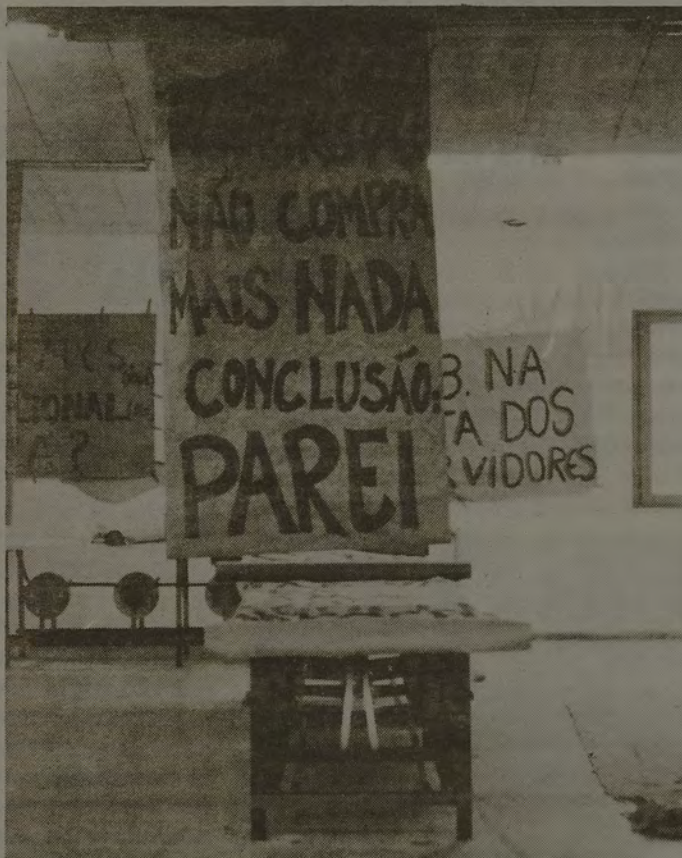
Os servidores públicos federais decidiram dar início aos preparativos para a greve geral unificada da categoria, a realizar-se na primeira quinzena de maio. Os servidores fizeram paralisação nacional na quarta-feira, dia 14, exigindo a moralização do serviço público, e uma política salarial que garanta a recuperação de perdas e a manutenção do valor do vencimento. Em Santa Catarina participam do movimento o Sindicato dos Trabalhadores da Universidade Federal (Sintufsc), o Sindicato da Justiça Federal, a Apufsc da UFSC e outras entidades.

A pauta de reivindicações contém 43 pontos e foi aprovada no encontro nacional da categoria, realizado em no-

vembro de 92. Passados quatro meses sem negociação, a Secretaria de Administração Federal entregou uma resposta que os servidores acharam inaceitável. No dia 2 de março em Brasília, foi realizado um ato público de protesto em frente ao Ministério da Fazenda. Entre os pontos defendidos pela categoria estão uma política salarial com reajustes mensais de acordo com a inflação, recuperação das perdas salariais a partir de 90, liberação do fundo de garantia e combate ao sucateamento do serviço público e à privatização.

Na última semana o governo liberou um reajuste de 33%. Gelson Luis Albuquerque, tesoureiro da APUFSC, diz que isto não representa nada, já que as perdas de janeiro a março chegam a mais de 100%. Pelos cálculos do Dieese a reposição de janeiro de 90 a dezembro de 92 deveria ser de 3.353,77%.

Jussara Campelli



Vamos ver esta cena de novo?

Estudantes pressionam Kleinübing

Os estudantes secundaristas de Florianópolis tomaram gosto pelas ruas, e no último dia 12 experimentaram o sabor de vitória da mobilização coletiva. Depois de sair em passeata e ocupar o plenário da Assembléia Legislativa, conseguiram que os deputados aprovassem por unanimidade a Lei nº 081, de autoria de Miguel Ximenes, que regulamenta a cobrança de meia-entrada para estudantes de 1º, 2º e 3º graus em todo o estado.

A lei da meia-entrada já existia desde 1990, mas algumas falhas na sua redação davam margem a várias interpretações e artimanhas por parte dos empresários, como por exemplo, a instituição da "meia-entrada para todos", adotada pela maioria dos cinemas locais. De acordo com a Lei nº 081, teatros, cinemas, casas de shows e eventos esportivos são obrigados, a ter estipulados os valores das entradas inteiras e meias entradas. Terão desconto de 50% todos os estudantes portadores de carteirinha expedida por entidades filiadas à União Nacional dos Estudantes (UNE) ou União Brasileira



Acampados brigam pela sanção da lei da meia entrada

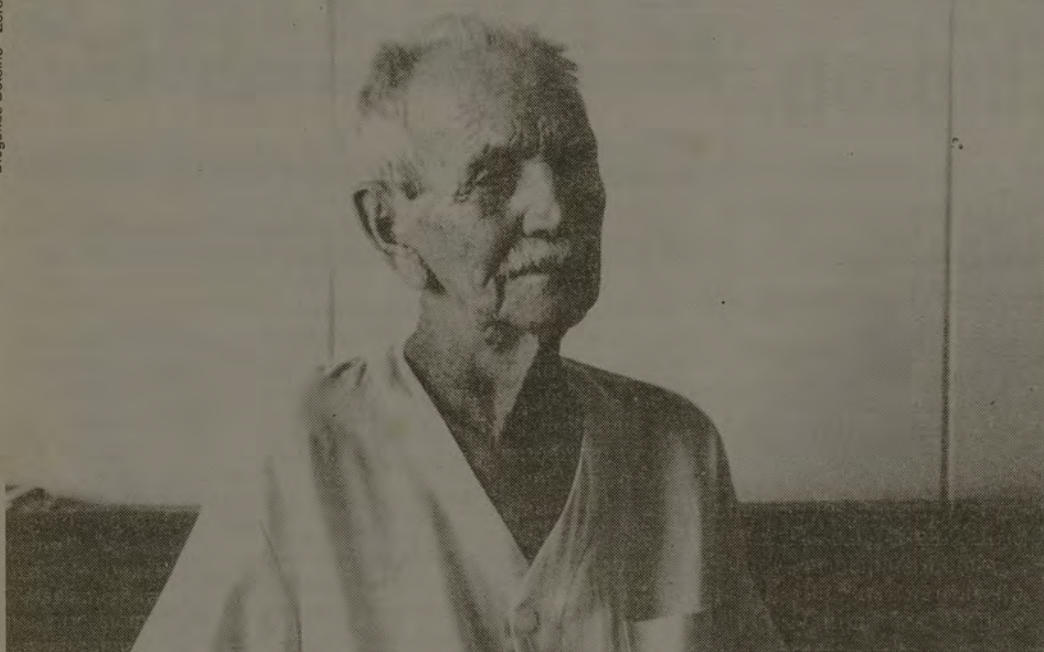
dos Estudantes Secundaristas (EBS).

Para entrar em vigor, a nova lei da meia-entrada deve ainda ser sancionada pelo governador Wilson Kleinübing e depois publicada no Diário Oficial, o que deve levar cerca de um mês. Rui Oliveira, presidente da União Catarinense de Estudantes Secundaristas, o mesmo que organizou passeatas e até um acampamento em frente ao Palácio Santa Catarina, diz que a pressão

vai continuar, até que a 081 saia dos trâmites burocráticos e ganhe os guichês de cinemas, teatros e estádios.

Os únicos que não ficaram contentes, é claro, foram os empresários. "Vai ficar pior para todo mundo", garante Mário Santos, dono da Empresa Cinemas Arco-Íris Ltda, responsável pela programação de todos os cinemas comerciais de cidade. As casas da rede vinham cobrando Cr\$

40 mil pelo ingresso, a chamada "meia-entrada para todos". Agora, Santos diz que vai igualar os preços aos cobrados no eixo Rio-São Paulo - cerca de Cr\$ 100 mil pela inteira e Cr\$ 50 mil para estudantes. "É um blefe", diz Rui de Oliveira, que aposta na realidade de mercado para impedir que os empresários exagerem nos preços. "Se eles fizerem isso, as casas vão ficar vazias".



Durante a ditadura, Manoel se escondeu quatro meses no forro de sua casa

Primeiro comunista de SC completa 90 anos ainda fiel a sua ideologia

Seu Mimo acusa Roberto Freire de traidor por participar do governo Itamar Franco

“**A** esquerda do Brasil tem medo de liderar as massas rumo ao poder”. Esta é a opinião de Manoel Alves Ribeiro, primeiro vereador comunista eleito em Santa Catarina. “Seu Mimo”, como é conhecido por familiares e amigos, comemorou 90 anos dia 13 de março, com um almoço oferecido a parentes, amigos e personalidades como o prefeito de Florianópolis Sérgio Grando.

Eleito para o período 59-63, sua candidatura só foi possível graças a uma falha da polícia que permitiu que um companheiro de partido fosse nomeado presidente do diretório municipal do PSP na capital. O Partido Comunista, na ilegalidade desde a década anterior, pôde então colocar na Câmara Municipal seu primeiro representante, ainda que ele estivesse oficialmente no PSP de Aedmar de Barros.

Trabalhador da construção civil, talvez o único ainda vivo a ter trabalhado na edificação da ponte Hercílio Luz, Manoel Ribeiro ouviu falar em comunismo pela primeira vez aos 15 anos, quando ajudou na fuga de

dois jovens anarquistas, ironicamente, anticomunistas. Logo tratou de saber mais a respeito daquele novo tipo de pensamento que o havia fascinado. Aos 16 anos já chefiava a primeira greve, na mina de carvão de Lauro Müller. Participou ativamente do chamado *Socorro Vermelho*, espécie de comitê de arrecadação de fundos para os revolucionários russos.

A amizade com Luís Carlos Prestes, que perduraria até a morte do *Cavaleiro da Esperança*, começou durante a famosa Coluna Prestes, em 1924. Prestes foi tão importante para Manoel, que ele o homenageou com o nome do seu primeiro filho, Luís Carlos. A sua participação na Intentona Comunista de 1935 rendeu-lhe três dias de cadeia. Em 39, ajudou na primeira manifestação a favor da entrada do Brasil na guerra. No ano de 62, já como vereador em Florianópolis, visitou a União Soviética, onde foi conhecer de perto as reformas implantadas por seus “camaradas”.

Com o golpe militar de 64, foi obrigado a se esconder para não ser preso. Ao invés de ir para longe, o que

seria mais seguro, preferiu se ocultar em casa mesmo. Ficou durante quatro meses entre o forro e o telhado de casa. Só voltou a viver um pouco mais tranqüilo quando foi anistiado, cinco anos depois.

Sobre a União Soviética, ele diz que as recentes reformas vividas por lá já eram esperadas, que elas não significaram o fim, e sim um avanço do socialismo. Disse também que o povo soviético deu um rumo à humanidade. Ele considera sem fundamento as acusações de Krushev a Stálin. Diz que foi um ato de leviandade do ex-líder.

Com relação a Cuba, Manoel Ribeiro é enfático:

“O povo brasileiro não tem moral para criticar Cuba, pois os cubanos fizeram a revolução, tiveram a coragem de enfrentar a situação que existia lá”. Assim ele defende Cuba, destacando que o regime deve permanecer como está, e com Fidel Castro no poder.

O deputado federal Roberto Freire é por ele considerado um traidor desde que resolveu apoiar um governo que ele avalia como seqüência do de Collor.

Marcelo Santos

SONZERA

by TOMMY

TOMACCIO

Nove entre dez críticas musicais moderninhas contém a palavra *crossover*. Significa misturar, fundir, misturar estilos musicais diversos e, aparentemente, sem nada em comum. A banda Urban Dance Squad não existiria se não fosse este conceito. Desde seu primeiro disco, *Mental Floss For The Globe* (89), eles apontam as diretrizes de toda essa mistura, tanto na qualidade como na quantidade. Não satisfeitos, lançaram o segundo lp com uma verdadeira profissão de fé como título: *Life 'N Perspectives Of A Genuine Crossover*. Pretensão? Megalomania? Não. Poucos conjuntos conseguem tanta coesão ao lidar com coisas tão diferentes como rap, rumba, tecno e ritmos latinos com a maestria do UDS.

ISSO É QUE É

Formado em 1987 em Amsterdam, na Holanda, o Urban Dance Squad não se limita a apenas uma praia. Se na estréia com *Mental...* o astral era “dance music a quilômetros de distância de baterias eletrônicas”, é neste *Life 'N...* que a fórmula realmente vingou. Não há nada que lembre uma discoteca, e tudo parece que foi feito sob medida para discoteca. “Careless”, com baixa rotação e uma batida pra lá de safada, é capaz de agradar a reggaemanfacos, fãs do Red Hot e coroas que adoram saborear um bom jazz. Não é a toa que a banda já arrancou elogios de Rick Rubin (produtor do Red Hot e visionário do rap), Anthony Kiedis (vocalista do Red Hot) e Vernon Reid (guitarrista do Living Colour).

WORLD

Continuando com as perspectivas de um genuíno crossover, podemos usar como material didático a faixa “(Thru) The Gates Of The Big Fruit”, que soa como se o Cure tivesse ido passar uma temporada no Caribe e lá encontrasse uma excursão do Harlem. Jimi Hendrix diz presente em “Harvey Quinn”, uma música que pra acompanhar o swing, só sendo invertido mesmo. E a faixa título, loucura das loucuras, é dividida em quatro pedaços que variam de 50 segundos a um minuto e meio. Todos eles com um rap poderosíssimo, de rachar o assoalho como o ultra radical Public Enemy. Tanto é que o inimigo público Chuck D declarou que o UDS era o seu grupo preferido e se ofereceu para produzir e remixar suas próximas gravações.

FUTIOGRAFX

MUSIC

A banda é formada por Rude Boy (vocal), Tres Manos (guitarra), Silly Sil (baixo), Magic Stick (bateria) e DNA (dj). Um do Suriname, um da Indonésia e três holandeses.

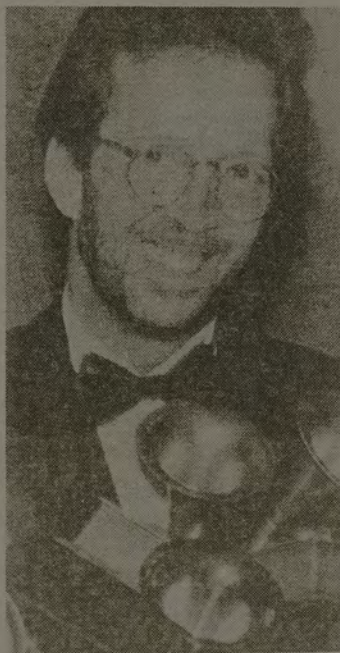
Grammy consagra Clapton

JURADOS PREMIAM SOM ACÚSTICO PARA SE REDIMIREM DAS FARSAS DO PASSADO

O público da música pop internacional acompanhou em fevereiro deste ano a 35ª edição do prêmio Grammy, patrocinado pela Academia de Ciências Fonográficas dos Estados Unidos. A premiação dos artistas foi marcada pela prudência na escolha dos nomes e conseguiu unir sucesso comercial e consistência artística em muitas categorias. Com a sua singela composição *Tears in heaven*, Eric Clapton foi o grande vencedor desse ano. A música foi feita em homenagem ao seu filho Conor, que morreu em 92, ao cair do 53º andar do prédio onde morava.

Aquilo que inicialmente seria um desabafo emocional se transformou em sucesso e rendeu quatro prêmios Grammy: melhor álbum, melhor cantor pop, canção do ano e melhor produção. Clapton também recebeu o prêmio de melhor canção de rock, pela música *Layla* composta em 1970.

A festa do Grammy teve outras atrações marcantes. Entre elas as apresentações do grupo Red Hot Chili Peppers (melhor canção de hard rock, com *Give it away*) e do grupo Arrested Development (melhor grupo de rap, com *Tennessee*); as premiações do brasileiro Sérgio Mendes (melhor disco de world music, com *Brasileiro*) e da dupla Celine Dion & Peabo Bryson (melhor duo pop, com a música *The Beauty and the beast*, tema do filme *A Bela e a Fera*) e a homenagem ao superastro da música pop, Michael Jackson prêmio especial pelo conjunto de sua obra. Esta foi uma das raras ocasiões em que o público concordou com os críticos, após uma longa



Clapton: tributo tardio

história de equívocos e grandes farsas, patrocinadas pelo Grammy.

Em 1990, a Academia Fonográfica norte-americana concedeu o prêmio de grupo revelação à dupla de cantores Milli Vanilli, por *Girl, you know it's true*. Alguns meses depois, a dupla teve que devolver o prêmio, pois foi comprovado publicamente que os dois integrantes do grupo não passavam de imitadores profissionais. As vozes de seus discos eram de anônimos cantores de estúdio. O prêmio foi devolvido, mas a promoção da dupla rendeu sete milhões de discos em todo o mundo.

Nos anos seguintes, o prestígio do Grammy foi novamente arranhado. Em 91, o prêmio de melhor cantora pop era disputado por Sinéad O'Connor (*Nothing compares to you*),

Mariah Carey (*Visions of love*), Lisa Stansfield (*All around the World*) e outras. Sinéad O'Connor, que na época era apotada como favorita declarou à imprensa que iria recusar o prêmio, caso fosse contemplada. Disse também que a arte e a música dos Estados Unidos estavam sendo usadas como forma de controle da informação, comercialismo e materialismo.

No ano passado a imparcialidade do Grammy foi novamente posta em dúvida. Natalie Cole é a grande vencedora com a música *Unforgettable*, sucesso dos anos 50, inicialmente gravada por seu pai Nat King Cole. O que pesou realmente na escolha de Natalie foi o fator eletrônico. A regravação de sua voz, mixada em duó com a voz original, arrebatou seis prêmios. O videoclipe da música teve tons de nostalgia, com imagens da cantora mesclados com as do pai feitas em 1951.

Nesta trajetória de 35 anos, o Grammy já esqueceu de gente como Little Richard e os Rolling Stones. Por outro lado, já premiou exaustivamente artistas consagrados com as maiores vendas de discos, os contratos mais bem pagos pelas gravadoras e os videocliques mais caros e mais assistidos. Fazem parte desse clube: Michael Jackson (*Thriller*, 83 *Bad*, 87 e *Dangerous*, 91) Madonna (*Like a virgin*, 80), Prince (*Purple rain*, 84) e outros menos cotados. O maior prêmio da indústria fonográfica dos Estados Unidos, que se auto-proclama o Oscar da música, revela, então, a sua preocupação básica: o retorno financeiro.

Luis Carlos Festi

Um jornal que fala de imprensa

Profissionais, professores e estudantes de jornalismo devem sair atrás da edição comemorativa dos 70 do jornal A Notícia, de Joinville, publicada dia 21 de abril. É que o jornal em vez de se curvar sobre si mesmo, publicou cinco cadernos (72 páginas) falando só de jornalismo e imprensa. Reportagens investigaram o futuro da profissão, como são todos os cursos do Estado e do Rio Grande e deram um vasto perfil da imprensa em Santa Catarina. Artigos de jornalistas reconhecidos abordaram a ética e outros temas. Confira.

Memória do Jornalismo traz Dimenstein

Gilberto Dimenstein, chefe da sucursal de Brasília da Folha de São Paulo é o próximo convidado com palestra confirmada para o projeto *Memória do Jornalismo*. Vai ser no dia 8 de junho no auditório do CCE, às nove da manhã. Na véspera, será exibido o filme *A Guerra dos Meninos* de Sandra Werneck — exigência de Dimenstein. É que ele aproveita para fazer o lançamento em Florianópolis de seu best-seller *Meninas da Noite*. O projeto, já trouxe José Hamilton Ribeiro, Washington Novaes, Ricardo Kotsho e Guillermo Piernes.

Universidade Aberta volta em agosto

Dia 1º de agosto volta ao ar o programa *Universidade Aberta*, experiência bem-sucedida do Laboratório de Áudio do Curso de Jornalismo. O programa que, em dez minutos conta tudo que de importante acontece na UFSC vai ser apresentado de segunda a sábado dentro do noticioso *Primeira Hora*, transmitido pela Barriga Verde FM, a partir das sete da manhã. A coordenação é da professora Valci Zuculoto e a produção de seis alunos bolsistas. Em sua primeira fase, o programa foi apresentado durante quatro meses de 91.

SINTONIA

Alexandre Gonçalves

Curso de Jornalismo resgata radioteatro

Um dos patrimônios do rádio brasileiro está sendo resgatado pelo Curso de Jornalismo da UFSC. As famosas radionovelas que emocionaram vovós e titias estão de volta, graças ao trabalho desenvolvido por alunos do Curso junto ao Núcleo de Produção de Radioteatro, comandado pela professora Valci Zuculoto.



Professora Valci Zuculoto

A "operação resgate" começou em 91, com a realização do primeiro projeto do Núcleo, uma adaptação para *Luna Caliente*, livro do escritor Mempo Giarginelli. Os nove capítulos da novela foram concluídos em um ano e sua pré-estreia aconteceu em abril de 92, num movimentado bar de Florianópolis. A idéia de se trazer de volta as radionovelas chamou a atenção de muita gente, atraindo também diretores das rádios da cidade. Começou a surgir então, a possibilidade de veiculação comercial da radionovela, que ainda não foi acertada.

Valci Zuculoto pretende apresentar em breve um projeto de patrocínio, que viabilizará a veiculação das radionovelas. Com o projeto pronto, Valci vai correr atrás de empresas que banquem um espaço nas rádios para que *Luna Caliente* e *O Crime Perfeito*, de Gustavo Neves Filho, atualmente em fase de reedição, possam ser apresentadas ao grande público. Enquanto isso não acontece, Valci e os alunos preparam a terceira radionovela do Núcleo, provavelmente *A Caminho do Céu*, também de Gustavo Neves Filho, principal autor da "fase áurea" do rádio catarinense. Lá pelo mês de maio começa a seleção de rádio-atores, feita com a colaboração da diretora do teatro Carmem Fossari. Qualquer pessoa pode participar, basta entrar em contato com o Curso de Jornalismo da UFSC.

FM critica imitações

A Transamérica FM (101,7 MHz) vem colocando lenha na fogueira na briga das FMs de Florianópolis, através de uma vinheta veiculada em sua programação. Na vinheta, a Transamérica critica, citando nomes, as rádios Cidade (99,3 MHz) e Atlântida (100,9 MHz). A crítica é direcionada ao programa *Ponha a Boca na Cidade* e aos programetes de humor que aparecem de hora em hora na Atlântida. O que a Transamérica faz é tirar uma onda em cima das concorrentes, afirmando que os novos programas não passam de cópias mal-feitas da *Transalouca* e do *TV Cover*, transmitidos pela emissora.

Em parte a Transamérica tem razão. *O Ponha a Boca na Cidade* é realmente uma cópia mal-feita, muito mal-feita e sem graça do *Transalouca*. Uma pergunta babaca, com respostas piores ainda. Em contrapartida, os programetes de humor da Atlântida conseguem ser melhores que o *TV Cover* por um simples motivo: o cara que faz as imitações chama-se Escova (aquele que trabalhou com o Faustão na época do *Perdidos na Noite*), sem dúvida um dos melhores imitadores, pelo menos ele consegue ser muito mais engraçado que a maioria. Sua imitação do Clodovil é impecável e o bordão "quer café, quer vinho do porto" fica ainda mais hilário.

Esportes em alta ↑

Alegria em baixa ↓

Tremenda manobra. As rádios Cidade FM (99,3 MHz) e Atlântida FM (100,9 MHz) abriram espaço para programas sobre esportes radicais (surf, skate, vôlei livre, entre outros). O *Rock Point* (sábado, às oito da noite, na cidade) e o *Zona de Impacto* (segunda, às oito da noite, na Atlântida) surpreendem pela quantidade e pela qualidade das informações. Não pinta nada truncado e às vezes tem até entrevista. Tudo numa linguagem que às vezes chega a ser didática, fazendo até o mais leigo dos leigos sacar alguma coisa de vôlei livre, por exemplo.

Trabalhando na boa, sem muito barulho, a Antena 1 FM (92,1 MHz) acirra a disputa com a Alegria FM (96,9 MHz) pela preferência do público. Pelo menos os motoristas de ônibus estão sintonizando a Antena com maior frequência. Essa vantagem de 92,1 é explicada pelo fato de sua programação popular, ao contrário do que acontece na Alegria, não se prende a massificada música sertaneja. O impacto inicial da Alegria aos poucos vai se acabando, junto com o furor sertanejo, estrangulado pela excessiva execução. Resumindo: encheu tanto o saco que... filão se acabou.

Oportunismo ressuscita Raul

Raul Santos Seixas, o messias do rock nacional, ressuscitou. Não no terceiro dia, mas após o terceiro aniversário de sua morte. Subindo pelo elevador dos fundos, nem foi preciso vir em seu corpo físico: o que insiste em viver são suas músicas e sua memória, propagadas por seus fãs como um autêntico evangelho.

Mas enquanto as confrarias raulseixistas se multiplicam pelo país e seu corpo espera o Novo Aeon no cemitério Jardim da Saudade, em Salvador, os vermes trabalham. Empresários e oportunistas de ocasião, que sempre dedicaram um desdém todo especial a Raul, roem suas magras entranhas atrás de míseros milhões. São os vendilhões no templo, que tentam pasteurizar as idéias do maior rocker brasileiro para que caibam nas agendas das menininhas, impondo-lhe um triste purgatório. E Raulzito bem que implorou: "Deus me livre, eu tenho medo de morrer pendurado numa cruz".

E dá-lhe ignorância em toda circunstância. Quem meteu os dentes primeiro foi a Sony Music, que contratou artistas (?) para gravar um LP interpretando as músicas de Raul. O esqualido corpo do baianinho certamente se revirou no caixão ao saber quem eram os tais "artistas". Ultraje a Rigor, Nenhum de Nós, Barão Vermelho, Cidade Negra, Vange Leonel (quem mesmo?) e até a "aberração de laboratório" conhecida por RPM.

O ex-parceiro Paulo Coelho também tentou abocanhar prestígio, escrevendo por aí que se sentia orgulhoso com a renascença raulseixista, como se o mérito fosse seu. Logo ele, que traiu a Sociedade Alternativa e que posa hoje como mago convertido. Aliás, a única mágica do PC das livrarias foi ter vendido mais de dois milhões de livros às custas da paranóia da nossa gente. Até os new-sertanejos estão faturando, regravando os sucessos de Raul sem escrúpulo algum. É, a gente nem sabe mais de que lado estão certos cabeludos...

Exílio e boicote - Para aprende o jogo dos ratos, Raul Seixas tinha que transar com Deus e com o lobisomem. Sem fazer concessões, Raulzito sempre foi a verdadeira mosca na sopa, voando de gravadora em gravadora- os diretores o consideravam um artista maldito. Mexeu com os militares e foi exilado nos Estados Unidos, onde conheceu John Lennon.

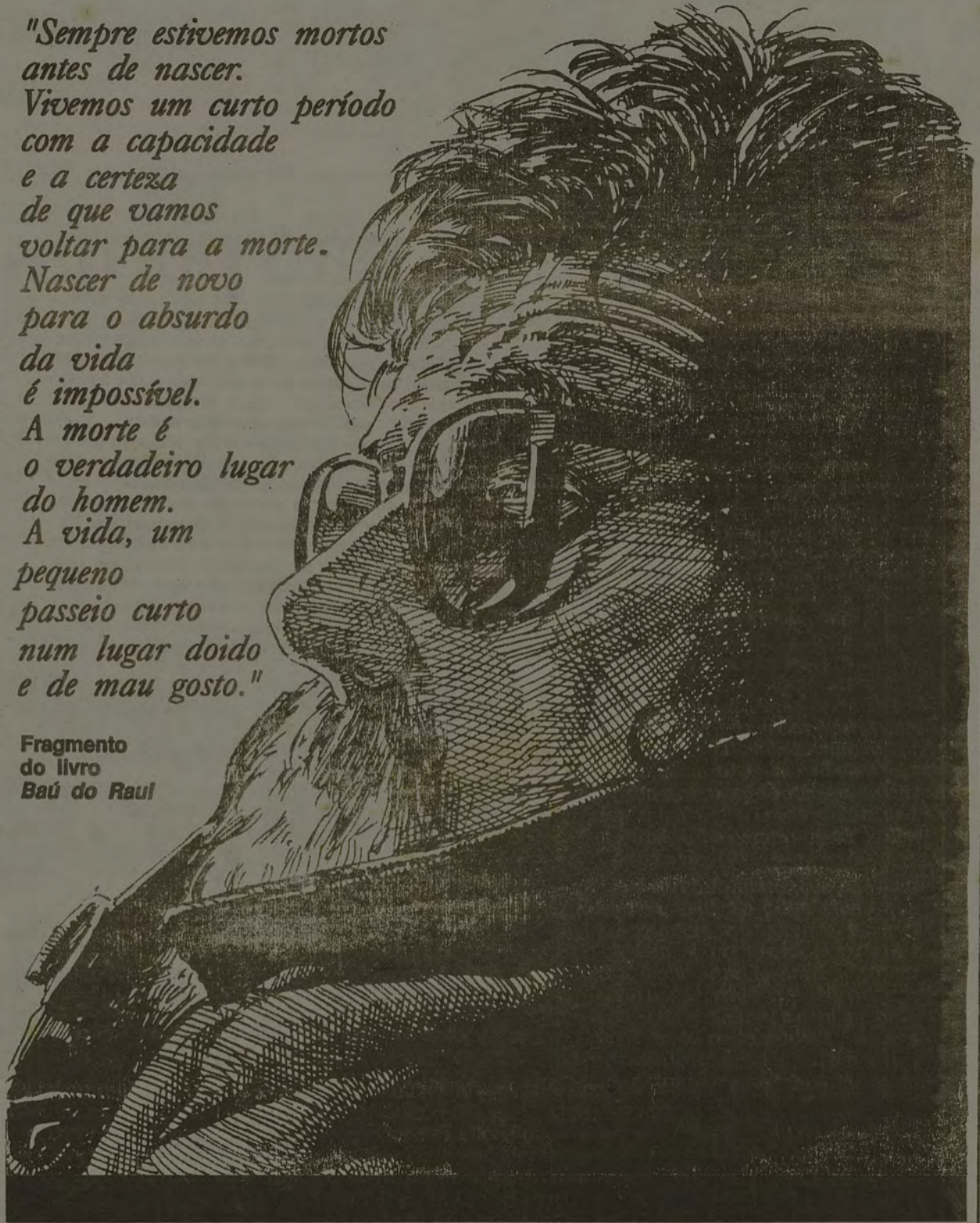
Também nunca acumulou riquezas materiais; não queria se sentar no trono de um apartamento e esperar a morte chegar. Preferia convencer as paredes de seu quarto sobre seu idealismo e dormir tranqüilo.

Raul sempre viveu segundo sua própria maneira, desde seu nascimento, em 28 de agosto de 1945 (não, não foi há dez mil anos atrás). Iniciou cedo no rock, influenciado por jovens norte-americanos que eram seus vizinhos. Em 1957, fundou o primeiro conjunto de rock de Salvador; depois de dez anos, grava o primeiro disco, com o nome da banda: *Raulzito e os Panteras*. Três anos depois, a *Metamorfose Ambulante* se transforma em diretor artístico da CBS, no Rio de Janeiro. Em 1972, após o fim da banda e já fora da CBS, polemiza no Festival Internacional da Cultura com seu *Let me sing*. No ano seguinte, grava seu primeiro LP, *Krig-Ha Bandolo*.

Para Nóia — No recém-lançado livro *O Baú do Raul*, os escritos até há pouco inéditos do rocker baiano provam que ele não era um maluco tão beleza quanto se proclamava. Os textos do

"Sempre estivemos mortos antes de nascer. Vivemos um curto período com a capacidade e a certeza de que vamos voltar para a morte. Nascer de novo para o absurdo da vida é impossível. A morte é o verdadeiro lugar do homem. A vida, um pequeno passeio curto num lugar doido e de mau gosto."

Fragmento do livro Baú do Raul



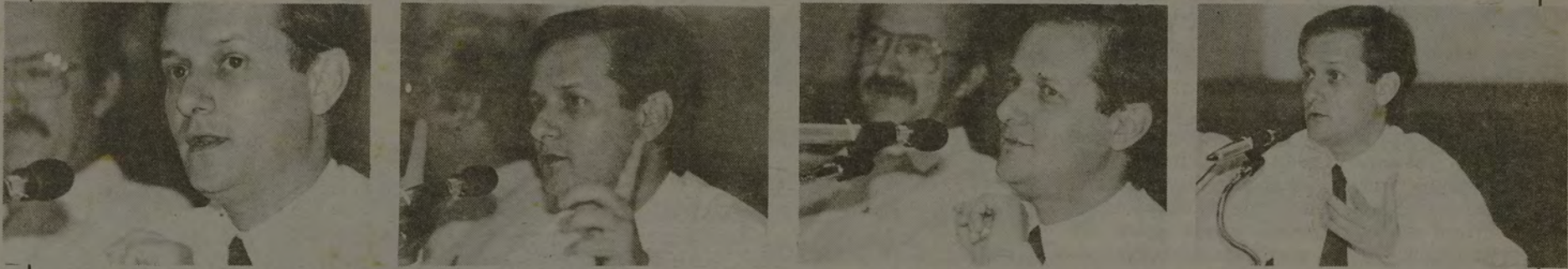
livro, escolhidos pela esposa Kika Seixas, apresentam um Raul depressivo e paranóico, que chorava depois de ficar um dia inteiro grudado no rádio sem ouvir uma única música sua. A fase mais triste se passa no início da década de 80, quando os DJ's cuspiam em seus discos. Raulzito, em seu diário, se lembrava dos conselhos de sua mãe, que sonhava com um filho presidente da República. Dedicava seus textos a sua paranóia de ser alguém de "por o polegar para carimbar a História".

Foi seu fã Marcelo Nova, o ex-vocalista da banda *Camisa-de-Vênus*, que ajudou Raul a eliminar sua paranóia. Depois de ter gravado alguns discos em pequenas gravadoras entre 1983 e 1988, Raulzito voltou a excursionar com Marcelo Nova e prepararam um LP em parceria, *A Panela do Diabo*. Aclamado nos shows por sua legião de

fãs, o baianinho se consagrava definitivamente como o maior roqueiro do país. Sem querer dizer nada, cantando por cantar, Raulzito mostrou porque tantos admiradores, a maioria pobre, identificavam-se com suas músicas: Macunaíma da MPB era a cara do Brasil.

A Terra parou - Mas, cansado da presença constante da morte em seu calcanhar, Raul Seixas "deu um tempo" no dia 21 de agosto de 1989. Agora, Raulzito é celebridade: reportagem na *Veja*, coletâneas com seus sucessos, fica difícil até distinguir os fiéis dos profanos. Mas não se preocupe: Raul, agora junto do Pai do rock, é bem capaz de mandar um dilúvio que desmascare os falsos profetas. "E a chuva promete não deixar vestígios..."

José da Silva Jr.



"Folha tem debilidade informativa e muitos erros de português. Seu acabamento é fraco para jornal que pretende ser o melhor do país"

Ombudsman não poupa seu jornal

O ombudsman da Folha de São Paulo, Mário Vitor Santos esteve no auditório do Centro de Convivência da UFSC, no dia 10 de março. Sua vinda concretizou a proposta feita ao Curso de Jornalismo e ao Departamento de Comunicação para uma visita patrocinada pelo seu jornal para falar de jornalismo e do Zero.

Mas o que é ombudsman? E a pessoa encarregada de representar a opinião pública dentro de uma empresa, jornalística ou não. No caso de Mário Vitor, além de atender diariamente o público e levar suas reclamações à direção do jornal, escreve uma coluna semanal na Folha de São Paulo onde, com toda liberdade, aponta os erros e as falhas do jornal:

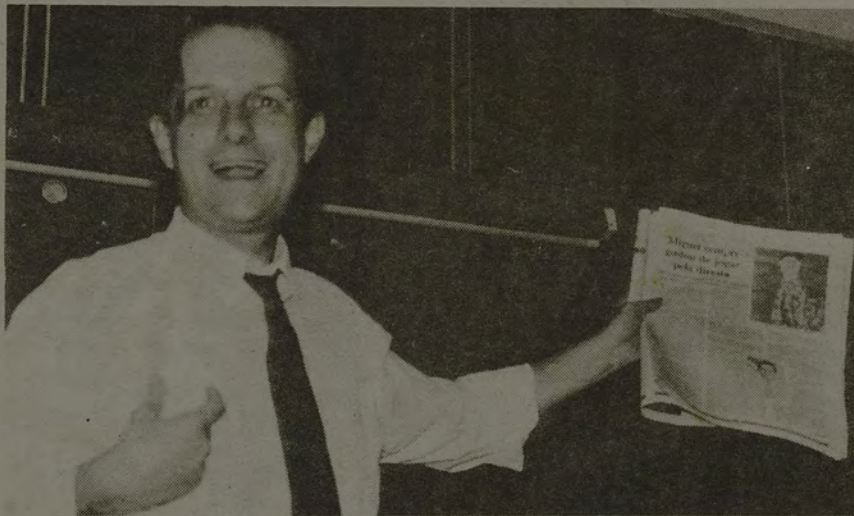
A Folha ainda tem grandes debilidades informativas e há muitos erros de português. Seu acabamento, embora exuberante, ainda é fraco para um jornal que tem a pretensão de ser o melhor do país" reconhece o jornalista.

A Folha de São Paulo foi o primeiro jornal da América Latina a ter um ombudsman. Essa necessidade veio depois da campanha *Diretas Já*, quando atingiu projeção nacional, devido à sua postura radical a favor da campanha. Era preciso segurar a nova posição e a velha fórmula de "conservador em economia, liberal em política e radical em cultura" precisava ser repensada. O que poderia sustentar o jornal era a boa informação, valiosa, bem escrita, clara e rapidamente. Era preciso preocupar-se mais

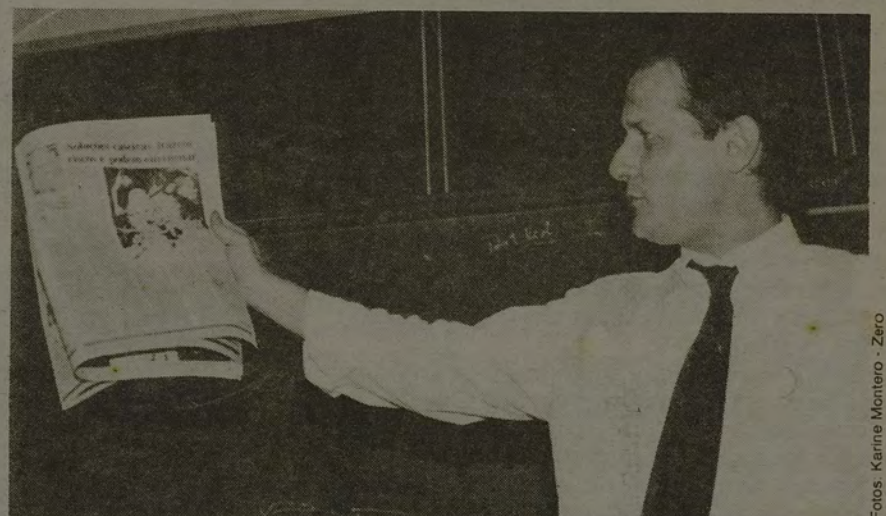
com o leitor.

Hoje, o FSP é um jornal que cria tendências, modas jornalísticas e tem uma imagem de jornal moderno, visualmente atraente. Mas Mário Vitor não se esquece de dizer dos poucos correspondentes que o jornal tem nos estados brasileiros e no exterior e da estrutura econômica ainda débil embora seja um dos que paga os melhores salários. "A Folha tem mais prestígio fora do que dentro de São Paulo, ou seja, gosta menos do jornal quem o conhece melhor(...) Seu mérito é que, com tantas debilidades, ainda assim mostra seus erros, expondo-se à opinião pública," assegura.

Patrícia Marcia de Souza



"Zero possui unidade gráfica mas desconhece leitor..."



...deve ousar e definir linha editorial com clareza"

CRÍTICA DO OMBUDSMAN

...e não foi poupado por nosso crítico

Mário Vitor Santos visitou o Curso de Jornalismo da UFSC para conhecer de perto o sistema de produção do Zero. Durante a manhã, Mário Vitor conversou sobre jornalismo com os alunos e professores do Curso, relatando sua experiência como ombudsman. Pela tarde, participou de uma avaliação do Zero, opinando e comentando o jornal-laboratório da UFSC.

Por definição, ombudsman é o jornalista pago para avaliar o jornal em que trabalha, buscando a satisfação do leitor - e, conseqüentemente, melhores vendas. A cada edição, Mário Vitor elabora um comentário escrito, com circulação interna. Além disso, garimpa as falhas da imprensa nacional para expô-las em sua coluna dominical na Folha.

Segundo o próprio ombudsman, quanto mais

se conhece um jornal, menos ele é apreciado. O mesmo acontece com a figura de Mário Vitor: suas opiniões em nada lembram o que se possa esperar de um pretense "advogado do leitor". Sua função parece servir apenas para atenuar as eventuais falhas da Folha. No caso de Mário Vitor, "advogado do patrão" soaria melhor.

As declarações do ombudsman da Folha deixaram dúvidas na cabeça dos alunos da UFSC. Mário Vitor, por exemplo, admitia que sua opinião, preferencialmente, coincide com a do patrão. Os estudantes, então, perguntam: com uma ligação tão umbilical com os interesses da Folha, há espaço para a credibilidade do jornal? Não seria a função do ombudsman uma farsa, um engodo aos leitores desavisados?

Possivelmente, o tal "advogado do leitor" sirva apenas para aumentar a vendagem da

Folha. E Mário Vitor, ao que parece, não se ressentido com sua condição dentro do jornal mais "moderninho e radicalzinho" do país, segundo sua própria definição.

"Vocês sabem o que é a coisa mais importante em nossas vidas? É o dinheiro, rapazes. O dinheiro!" É esse o ideal do nosso "advogado"? De quem Mário Vitor pretende nos defender?

Por favor, Mário Vitor, diga que você estava blefando. Fale, em sua próxima coluna na Folha, sobre seu idealismo e sobre seu compromisso com o leitor. Ou, se preferir, liste quinhentas mentiras, apenas para lembrar ao público que a demagogia da Folha é o dobro da concorrente.

Elliot Ness